

Formação para o cuidado integral: percepção de docentes e discentes de enfermagem

Training for integral care: perception of nursing teachers and students

Formación para la atención integral: percepción de enseñantes y estudiantes de enfermería

Rosiane Filipin Rangel¹; Dirce Stein Backes²; Silomar Ilha³; Claudia Zamberlan⁴; Hedi Crencencia Heckler de Siqueira⁵; Regina Gema Santini Costenaro⁶

Como citar este artigo:

Rangel RF; Backes DS; Ilha S; et al. Formação para o cuidado integral: percepção de docentes e discentes de enfermagem. Rev Fund Care Online. 2017 abr/jun; 9(2):488-494. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2017.v9i2.488-494>

ABSTRACT

Objective: To know how the teachers and students of an undergraduate nursing course perceive the approach to the comprehensive/integrative care in the teaching-learning process. **Methods:** Exploratory-descriptive research, with qualitative approach, performed with seven teachers and six students of the Nursing Course of a Higher Education Institution in Rio Grande do Sul. Collected data, through the focus group technique, were submitted to content analysis in thematic modality. **Results:** Data analysis enabled the construction of the collective synthesis of a large topic: Training of the nurse for comprehensive/integrative care, of which two sub-themes were originated: Allowing the transformation: the training of the nurse from the standpoint of students; Training for the (dis)organization: the training of the nurse from the standpoint of teachers. **Conclusion:** It is considered essential to expand the comprehensive/integrative care in the teaching-learning process, starting at the first semesters.

Descriptors: Health Care, Comprehensive Health Care, Teaching, Nursing.

- ¹ Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Doutoranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (PPGenF/FURG). Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano (Unifra). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Gerenciamento Ecológico em Enfermagem/Saúde (GEES/CNPq).
- ² Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Materno Infantil do Centro Universitário Franciscano (Unifra). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 - CA EF.
- ³ Enfermeiro. Mestre em Enfermagem. Doutorando em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (PPGenF/FURG). Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário Franciscano (Unifra). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Gerontogeriatrics, Enfermagem/Saúde e Educação (GEP-GERON/FURG/CNPq).
- ⁴ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela FURG. Docente do Centro Universitário Franciscano (Unifra). Enfermeira Intensivista da Unidade de Cardiologia Intensiva do Hospital Universitário de Santa Maria. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa: Gerenciamento Ecológico em Enfermagem/Saúde (GEES/CNPq).
- ⁵ Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da FURG. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa GEES/CNPq.
- ⁶ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora adjunta no curso de Graduação em Enfermagem e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Saúde Materna e Infantil do Centro Universitário Franciscano (Unifra). Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Saúde GIPES/CNPq.

RESUMO

Objetivo: Conhecer como os docentes e discentes de um curso de graduação em enfermagem percebem a abordagem do cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem. **Métodos:** Pesquisa exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa, realizada com sete docentes e seis discentes do Curso de Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. Os dados coletados, por meio da técnica de grupo focal, foram submetidos à análise de conteúdo na modalidade temática. **Resultados:** A análise dos dados possibilitou a construção da síntese coletiva de um grande tema: Formação do enfermeiro para o cuidado integral/integralidade, do qual se originaram dois subtemas: Permitindo a transformação: a formação do enfermeiro pela ótica dos discentes; Formando para a (des)organização: a formação do enfermeiro pela ótica dos docentes. **Conclusão:** Considera-se essencial ampliar o cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem, a partir dos primeiros semestres.

Descritores: Assistência à Saúde, Assistência Integral à Saúde, Ensino, Enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: Conocer cómo los enseñantes y estudiantes de un curso de graduación en enfermería perciben el planteamiento de la atención integral/integralidad en el proceso de enseñanza-aprendizaje. **Métodos:** Investigación exploratoria-descriptiva, de planteamiento cualitativo, efectuado con siete enseñantes y seis estudiantes del Curso de Enfermería de una Institución de Enseñanza Superior de Rio Grande do Sul. Los datos recogidos, a través de la técnica de grupo focal, fueron sometidos al análisis de contenido en modalidad temática. **Resultados:** El análisis de los datos posibilitó la construcción de la síntesis colectiva de un gran tema: Formación del enfermero para la atención integral/integralidad, originando dos subtemas: Permitiendo la transformación: la formación del enfermero desde la óptica de los estudiantes; Formando para la (des)organización: la formación del enfermero desde la óptica de los enseñantes. **Conclusión:** Se considera esencial ampliar la atención integral/integralidad en el proceso de enseñanza-aprendizaje, desde los primeros semestres.

Descritores: Atención de Salud, Atención Integral de Salud, Enseñanza, Enfermería.

INTRODUÇÃO

A formação dos profissionais de saúde no Brasil começou a sofrer transformações a partir do século XXI. Mais especificamente com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), foram construídos novos referenciais do processo saúde-doença repercutindo diretamente na organização dos serviços de saúde e no entendimento que se tinha sobre promoção e prevenção.¹

Nesse sentido surgiu a necessidade de um perfil profissional capaz de sintonizar-se com um novo modo de produzir saúde. Apesar das transformações na formação profissional, permanecem, no entanto, abordagens tradicionais de ensino-aprendizagem, as quais ainda estão fortemente centradas na reprodução de abordagens assistencialistas.

Na busca pela formação de profissionais críticos e comprometidos com a atenção integral à saúde, por meio de ferramentas como o acolhimento e o vínculo profissional-usuário,

o cuidado integral/integralidade sugere uma maneira mais efetiva de cuidar e intervir na realidade dos indivíduos, famílias e comunidades.² Dito de outro modo, o cuidado passa a transcender a compreensão biológica e alcança a compreensão multidimensional do ser humano,³ atingindo as três esferas da existência humana (biológica, psicológica e espiritual) a partir de uma rede complexa de cuidados. Por meio dessa rede, as relações existentes vão adquirindo características próprias, formando uma teia relacional que vai sendo construída e reconstruída a partir das vivências e experiências de cada um dos seus participantes, interligando-as.^{4,5}

O cuidado integral/integralidade precisa ser abordado, portanto, na formação dos profissionais da saúde, a fim de produzirem e promoverem uma perspectiva ampliada de cuidados em saúde, a partir de atitudes éticas, sensíveis e solidárias.⁶ Entre os profissionais de saúde, o enfermeiro desempenha interlocução fundamental por estar diretamente envolvido com o gerenciamento e sistematização do cuidado nos diferentes cenários de saúde.⁷ Reconhece-se que o enfermeiro tem formação que preconiza a valorização/reconhecimento do contexto social; a identificação com as necessidades e expectativas das pessoas; a interação com os diferentes profissionais; a capacidade de promover a interação entre as pessoas e a equipe de saúde, gerando um cuidado integral e integrador.⁸

Frente ao exposto, salienta-se a necessidade de estudos que visem conhecer a compreensão acerca do cuidado integral/integralidade na formação acadêmica do enfermeiro, na perspectiva de docentes e discentes. Assim, justifica-se a relevância deste estudo no que concerne a compreensão e desenvolvimento de novas abordagens no processo de ensino-aprendizagem para o cuidado ao ser humano em suas multidimensionalidades.

Assim, questiona-se: como os docentes e discentes de um curso de graduação em enfermagem percebem a abordagem do cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem? Na busca de respostas ao questionamento proposto objetivou-se, com o estudo, conhecer como os docentes e discentes de um curso de graduação em enfermagem percebem a abordagem do cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem.

MÉTODO

Estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, desenvolvido em uma Instituição de Ensino Superior (IES), localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul (RS). O Curso de enfermagem da referida Instituição iniciou suas atividades no ano de 1955, possui uma carga horária de 4.046 horas, divididas em oito semestres, em turno integral e um corpo docente composto por 33 professores.

Os participantes do estudo foram docentes e discentes, selecionados por meio de um sorteio: os primeiros pelo número de matrícula institucional, de forma aleatória e, os segundos, pela lista de chamada, sendo sorteado um dis-

cente por semestre, do 3º ao 8º. Após o sorteio, fez-se o convite formal para todos os selecionados. Ressalta-se que uma docente, mesmo não tendo sido sorteada, ao obter conhecimento da pesquisa, mostrou-se interessada em participar, sendo, assim, incluída na pesquisa.

Os critérios de inclusão para os docentes foram: ser enfermeiro e estar desenvolvendo atividades profissionais diretamente com o aluno. Para os discentes: estar cursando enfermagem entre o 3º e 8º semestre e estar presente no momento do sorteio. E de exclusão, para os docentes: estar em atestado médico ou férias no período de coleta de dados; e dos discentes estar cursando o 1º ou 2º semestre do curso de enfermagem e não estar presente no dia do sorteio. Ressalta-se que os discentes foram selecionados a partir do 3º semestre, a partir do qual são inseridos nos cenários de aula prática e mantém os primeiros contatos com os pacientes. Assim, atenderam aos critérios de inclusão, sete docentes e seis discentes do curso de enfermagem, totalizando 13 participantes.

Os dados foram coletados no mês de janeiro de 2011, por meio da técnica de grupo focal, uma vez que esta tem caráter interativo e participativo, o que possibilita a obtenção de informações dificilmente alcançadas por meio de outra abordagem.⁹⁻¹⁰ Foram efetuadas seis sessões com tempo máximo de uma hora e trinta minutos, das quais três com os discentes e três com os docentes. Para ambos os grupos, estabeleceu-se e seguiu-se um guia temático, com base nas seguintes questões: Primeira sessão – O que significa integralidade para você? Segunda sessão – Qual o significado de cuidado integral? Qual o papel da formação na efetivação do cuidado integral/integralidade? Terceira sessão – Qual o significado de cuidado integral/integralidade? Após, desenvolveu-se uma síntese coletiva com os principais tópicos abordados.

Para isso, os participantes, ao término da segunda sessão de cada grupo, foram convidados a construir coletivamente uma síntese com os principais tópicos abordados. Após a finalização da segunda sessão de cada grupo com os docentes e discentes, os pesquisadores retomaram os tópicos, sintetizando a construção coletiva (Figura 1).

Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo, na modalidade análise temática, a qual “consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”.^{11:209} A análise temática constitui-se de três passos: pré-análise, na qual é feita uma leitura flutuante dos documentos a serem analisados; exploração do material, que consiste nas etapas de codificação, enumeração, classificação e agregação, em função de regras previamente formuladas; e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.¹¹

Os preceitos éticos e legais que envolvem a pesquisa com seres humanos foram respeitados, conforme a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).¹² Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, ficando uma com o par-

ticipante e a outra com o pesquisador. O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande (CEPAS/FURG), pelo Parecer de nº 140/2010.

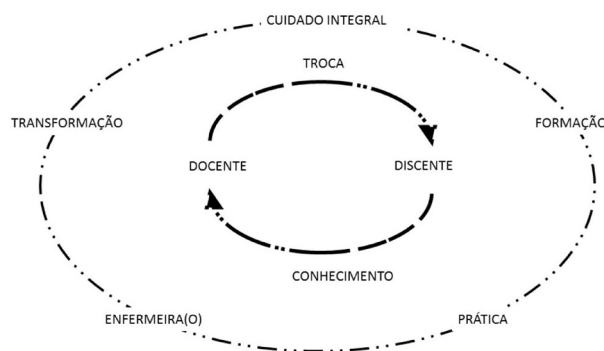
Para manter o anonimato dos participantes, os mesmos foram identificados, ao longo do texto, por nomes de constelações para os docentes e por nomes de estrelas para os discentes.

RESULTADOS

Os docentes participantes do estudo eram 100% do sexo feminino e possuíam título de mestre. O tempo de formação acadêmica variou entre sete e 25 anos e o tempo de atuação na IES variou entre quatro e 24 anos. Os discentes de enfermagem, da mesma forma, eram 100% do sexo feminino e sua idade variou entre 16 e 25 anos.

A análise dos dados possibilitou a construção da síntese coletiva de um grande tema: Formação do enfermeiro para o cuidado integral/integralidade, do qual originaram dois subtemas: Permitindo a transformação: a formação do enfermeiro pela ótica dos discentes; Formando para a (des)organização: a formação do enfermeiro pela ótica dos docentes. A seguir, apresenta-se a Figura 1 – Síntese coletiva: cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem.

Figura 1 - Síntese coletiva: cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Formação do enfermeiro para o cuidado integral/integralidade

Por meio das falas dos participantes, de ambas as categorias, foi possível perceber que os mesmos consideram a formação um dos principais meios de transformação, mais especificamente no que diz respeito às questões de saúde. Ressaltam a existência de discussões, tanto entre discentes quanto docentes, sobre a real importância que cada um possui no processo de formação. A seguir, são apresentados os subtemas que integralizaram o tema central.

Permitindo a transformação: a formação do enfermeiro pela ótica dos discentes

Os discentes de enfermagem visualizam a universidade como local de aprendizado, isto é, uma fonte de alimento do saber, onde se constrói a base do ser e fazer profissional. Ressaltam, ainda, que é preciso uma transformação no processo de formação, a partir de mudanças que ultrapassem o modelo tradicional de ensino-aprendizagem.

“A gente está fazendo nossa base na universidade; eu acho que a base vem daqui [...] queremos cada vez mais, só que depois que tu te formas, vai esfriando e não buscas mais, poucas buscam. Então, nós temos que ter essa base aqui. Aqui é nosso alimento, sabe, é nossa fonte de alimento.” (Canopus)

Os participantes atribuem ao docente a responsabilidade pela transformação necessária, a partir de aulas mediadas que possibilitam o desenvolvimento da autonomia no processo de construção do conhecimento. Sob esse enfoque, o docente deve assumir postura dialógica e reflexiva, conforme expresso no depoimento a seguir:

“O professor tem que permitir a transformação, porque as vezes o aluno fala alguma coisa e aquilo acaba por destruir um monte de conceitos que o professor tem, só que o professor não pode simplesmente dizer “não é assim fulaninho”. O professor tem que [...] repensar sobre aquilo, refletir para poder passar, porque eu acho que o aluno tem o professor como um norte, uma direção, onde tu te espelhas e acreditas que aquela pessoa que vem tem uma certa verdade. O professor tem que ter bem consciente seu papel, que é ele quem transforma os diferentes conhecimentos e consegue integrar isso. E aqui a gente fala em integralidade.” (Sírio)

Na visão dos discentes, o que é ensinado em sala de aula, no que se refere ao cuidado integral/integralidade, deve ser evidenciado também nas atividades práticas. Sabe-se que existe um perfil intrínseco em cada um dos estudantes de enfermagem, mas, mesmo assim, durante a formação, todo acadêmico deve ser instigado, fomentado para que amplie seus conhecimentos e sua visão de mundo, no sentido de fomentar a criatividade e extrapolar o saber instituído.

“Eu entrei para fazer enfermagem porque eu queria trabalhar no hospital, eu não tinha essa visão. Eu acho assim, claro que existe o perfil, mas eu acho que esse fomentar, esse instigar o aluno desperta coisas que nem ele sabia que [...] queria, por isso é importante.” (Canopus)

Os participantes acreditam que a sua profissão terá maior credibilidade por meio do conhecimento amplo e integra-

do, ou seja, um conhecimento que transcenda o saber técnico e linear.

“[...] tu só vais conseguir atuar dessa forma se tu demonstrares conhecimento, enquanto que a gente deveria chegar ao hospital e agir livremente. (Arcturus)”

Ainda, destacam a importância da formação do enfermeiro, porque acreditam que ele dissemina o cuidado integral/integralidade, por estar mais próximo do usuário, entendendo seu contexto e suas necessidades. Esse profissional é percebido como um integrador de sistemas e sujeitos, um mediador do processo, o responsável por transmitir conhecimento entre os indivíduos, um possibilitador das inter-relações. Os participantes afirmam que o enfermeiro deve ser conhecedor dos diferentes saberes, ser generalista.

“O enfermeiro tem que ter informação suficiente para conseguir integrar todos os sistemas e toda a equipe multidisciplinar do cuidado; então, ele tem que ser generalista, tem que conhecer um pouquinho de cada um para propiciar a integração, porque senão seria o mesmo que acontece com o perfil de vários cursos que são muito especializados na sua área, mas não conseguem fazer a relação com outro curso, com outra realidade.” (Arcturus)

Para os discentes, o docente precisa ter plena consciência dos motivos pelos quais e para que está formando. Ao mesmo tempo, os futuros enfermeiros devem entender o seu papel, questionando-se acerca do perfil profissional que desejam ser e da sua importância ao atuarem na sociedade. Concordam, igualmente, que precisam sempre buscar mais informações e saberes além do construído em sala de aula e que ambos – docentes e discentes – devem ser, ao mesmo tempo, questionadores e questionados.

“[...] eu acho que os docentes têm que ter plena consciência da formação e para que eles estão formando. Não é que eu pense que tenha que puxar mais, mas o aluno tem que se sentir mais, como eu posso falar, ele tem que entender o papel dele, o para que ele vai sair daqui [...]” (Sírio)

Formando para a (des)organização: a formação do enfermeiro pela ótica dos docentes.

Para os docentes, os serviços de saúde não estão organizados para promoverem o cuidado integral/integralidade, tendo em vista que repercutem a visão clientelista, ou seja, espera-se que o usuário busque assistência. Contudo, acreditam numa transformação com início já no ensino, mesmo que, na sua concepção, seja um grande desafio, pois necessitariam refletir sobre o modo de trabalhar durante a formação, para que o discente também reflita sobre suas ações.

“Os serviços ainda estão na visão clientelista, esperando que o paciente venha buscar a assistência.” (Grus)

Segundo os docentes, o processo de aprendizagem não é estanque e eles não têm todas as respostas prontas, moldadas, já que o cotidiano e as vivências são ricos e cada discente é um ser singular. Por isso, acreditam que deve haver, no processo de formação, um espaço de reflexão e construção cooperativa. Esse pensamento é corroborado, pelos estudantes, na medida em que salientaram que o docente deve conduzir as aulas com metodologias flexíveis, instigadoras e problematizadoras.

“O nosso dia a dia [...] é tão rico, não posso ter uma coisa moldada, isso eu vou trabalhar com o acadêmico, ele é único também. Integralidade se relaciona com isso também, tem que ter espaço na formação para discutir, saber ouvir o que o acadêmico pensa, o que a minha colega ali do serviço pensa.” (Aquila)

Os docentes participantes compreendem que não lhes cabe apenas o papel de ensinar o cuidado integral/integralidade, mas, enquanto educadores, devem trazê-lo como essência. Para eles é preciso buscar os pares que estão nos serviços, de modo que se estabeleçam as relações de construção e troca de conhecimento.

“Então, às vezes, o próprio profissional tende a depreciar o que é seu também, e o acadêmico que está sendo formado nesse meio [...] está fazendo toda essa escuta [...]. Nós temos uma missão que eu acredito que nós ainda não estamos assumindo [...] de maneira integral. Como nós docentes, trabalharmos de maneira integral com os nossos pares que fazem parte da formação do nosso aluno que eu estou trabalhando aqui. Como eu posso trabalhar com esses pares de maneira integral, buscando ele para [...] se manter atualizado na academia e se manter assistente? Ao mesmo tempo, ele não vai estar dizendo ‘no meu tempo era assim’, porque [...] vai estar conhecendo o que vai estar sendo feito aqui. Então, eu acredito que uma das lacunas que nós poderíamos ampliar na questão do ensino é buscar os nossos pares que estão acompanhando lá. [...] com isso, essa rede de formação passaria a existir, e a rede de assistência também se ampliaria.” (Grus)

Como formadores, os participantes acreditam que possuem o papel de mediar os saberes, de escutar e dialogar com os discentes, entrando num acordo com o grupo, no sentido de realizar uma construção conjunta de conhecimento.

“Eu considero que o nosso papel, cada vez mais, a cada momento, a cada nova experiência, cada vez que eu leio, nossa, são novos referenciais, novas vivências, e eu tento conduzir isso de uma forma muito... Tanto na minha prá-

tica [...] diária, no atendimento ou em sala de aula, ou em leituras mesmo [...]. Não sei se eu tenho me colocado no papel tanto de observadora de escuta de um toque do olhar muito mais do que palavras, não no sentido de dar todas as respostas, mas no sentido de construir juntos. Então, que caminhos tu achas que dá para gente pensar? E para o aluno, é legal poder vivenciar isso assim, essas nossas incertezas, nossas inseguranças, os nossos não saberes, também nossos medos e as nossas certezas naquilo que a gente domina.” (Columbo)

Na visão dos docentes, o profissional tem que ser formado não para entrar nos serviços instituídos, mas para fazer a diferença, mesmo que em espaços aparentemente incertos e contraditórios. No entanto, o docente deve manter o foco na formação, mostrando que esse futuro enfermeiro, quando ingressar no mercado de trabalho, poderá se destacar e protagonizar transformações teórico-práticas.

“Nós não podemos formar os profissionais para entrarem no serviço, que sempre vai ter um sistema que vai engessar, que vai instituir coisas. Se fala tanto em integralidade, mas não é integralidade, eles querem a demanda organizada que tem pediatra, obstetra, enfermeiro [...]. Mas aí que entra a formação para gente preparar o aluno que, mesmo que tenha um sistema assim, tem um espaço lá que ele pode fazer a diferença que eu profissional posso fazer andar.” (Orion)

Os participantes entendem que o docente deve ser empreendedor, por não conseguir usar o mesmo método com todas as turmas. Para tanto, é importante ser criativo e inovador, devendo colocar-se na condição de aprendiz e olhar para os outros cenários, dialogar com seus colegas, projetar o futuro.

“Eu percebo que hoje, nós, como enfermeiros e como professores, temos que ser empreendedores. Por quê? Porque eu não consigo usar o mesmo método com todas as turmas, eu não consigo passar o meu conhecimento [...]. Aquilo que eu sei, eu estou atualizando, mas faz parte da minha prática, e ele vai se atualizando, mas [...] não modifica todo [...]. Só que hoje é diferente, a maior parte do tempo é trabalhado no individual. Por que esse aluno é mais difícil de ser conquistado, de fazer uma troca de conhecimentos? [...] A gente tem que ser muito criativa para conseguir chamar mais atenção do que o Orkut, do que o MSN, do que as questões que desviam o pensamento [...] e a atenção dele.” (Grus)

Estes depoimentos mostram o quanto o docente deve ser prospectivo e inovador na aplicação de metodologias que facilitam a aprendizagem e produção do conhecimento. Mas não basta somente isso, deve estar constantemente se atua-

lizando para acompanhar as tecnologias que surgem e que podem atrair ainda mais o discente.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que discentes e docentes de enfermagem, participantes do estudo, entendem que para a busca do cuidado integral/integralidade é preciso (re)pensar a formação acadêmica. Esta necessita passar por uma transformação, no sentido de ultrapassar os modelos instituídos, os quais não consideram os diferentes saberes, tendo a figura do docente como único detentor do conhecimento e a do discente como receptor.

Esse pensar corrobora com um estudo realizado com docentes que objetivou analisar as concepções de integralidade do cuidado presentes nos discursos dos docentes e as estratégias utilizadas para a apreensão da integralidade pelos discentes. Os autores identificaram que os docentes reconhecem a necessidade de reorientar a formação acadêmica visando a integração de saberes pela articulação com o meio social.¹³

Nota-se que a transformação referida pelos participantes desta pesquisa apoia-se na necessidade de ampliar a compreensão teórico-prática sobre a saúde da população e que a compreensão do ser humano seja integral, pois ele não pode ser visualizado em partes fragmentadas. A fim de alcançar esse propósito é mister romper com os modelos instituídos e aceitar que o conhecimento é construído e, quando compartilhado, representa novos saberes que acrescentam ao processo de cuidado.⁸

Os participantes entendem que o enfermeiro é o profissional que possui maiores condições de sensibilizar para o cuidado integral por estar mais próximo ao usuário, compreendendo seu contexto e suas necessidades. Por essa razão, ressaltam a importância de discutir como ocorre a formação desse profissional. Talvez resida nessa questão o grande desafio da formação: Como fazer com que as discussões sobre o cuidado integral/integralidade sejam norteadoras do processo de ensino-aprendizagem desses profissionais? Como fazer diferente do que está sendo feito? Como trabalhar a questão do cuidado integral/integralidade na formação, de modo que o discente posicione-se e reflita sobre suas ações?

Os participantes veem o docente como mediador no processo de construção do conhecimento e instigador de novas possibilidades. Para que ocorram as transformações no que tange a formação dos enfermeiros, com vistas ao cuidado integral/integralidade, é imprescindível a co-responsabilização, ou seja, o docente precisa instigar, fomentar para o novo, contudo, o discente precisa participar ativamente nesse processo, refletindo constantemente acerca de suas ações e o reflexo dessas para a sociedade.¹⁴

Tais ideias também são expressas pelos participantes da pesquisa, os quais acreditam que o discente tem de ser instigado a ampliar a sua visão de mundo durante o seu período de formação. Dessa maneira, considera-se que o docente

deve conduzir suas aulas de forma estimulante, a fim de que os discentes reflitam, construam e produzam novos saberes, trazendo o conhecimento sob a forma de problemas a serem resolvidos.

Esses problemas, então, serão situados num contexto e colocados em perspectiva, de modo que o discente estabeleça a ligação entre a sua solução e outras interrogações, para, então, conseguir mudar a realidade. Entende-se que a ingenuidade do discente na situação de prática, sua surpresa ao descobrir seus limites, seu assumido e explícito desconforto diante da não conformidade faz emergir parte substantiva dos desafios práticos.¹⁵

Os integrantes da pesquisa concordam que o docente precisa ter plena consciência do motivo pelo qual e para que está formando; já o discente deve entender o seu papel, questionando-se quanto ao tipo de profissional que deseja ser. Na ótica dos participantes, o ensino da integralidade exige que sua essência não seja excluída e que os pares estejam presentes nos serviços, a fim de se estabelecerem as relações de construção. Nesse sentido, compreende-se que é essencial ir além, pois há necessidade de se abordar a questão das interconexões no ensino.

Para alcançar o cuidado integral/integralidade é válido entender que o ser humano, receptor desse cuidado, está inserido num contexto, o qual influencia o seu modo de viver. Além disso, a formação, tendo como eixo norteador o cuidado integral/integralidade, necessita esclarecer as interconexões e considerá-las no processo de cuidar. Nessa perspectiva, em uma revisão bibliográfica realizada com o objetivo de conhecer e analisar a produção científica do campo da saúde, em periódicos nacionais sobre o ensino da humanização do cuidado nos cursos de graduação, os autores evidenciaram a necessidade de currículos integrados que possibilitem ao aluno, constantemente, realizar por meio das vivências cotidianas no processo ensino-aprendizagem associações com o seu fazer profissional, sendo essa uma maneira de estimular a reflexão crítica e comprometer o discente com a realidade social.¹⁶

Os integrantes da pesquisa abordaram que o docente precisa ser empreendedor, tendo em vista a impossibilidade de utilização de um mesmo método com todas as turmas, lembrando que cada discente é singular, assim como cada turma é única. Esse não é um processo simples; todavia, é importante abordá-lo na formação do enfermeiro, contribuindo de maneira efetiva nas questões sociais e locais visto que o empreendedor tem um olhar diferenciado frente ao mundo, à sociedade e ao ser humano.¹⁷

A formação do enfermeiro para o cuidado integral/integralidade requer, em síntese, a adoção de metodologias interativas e instigadoras, as quais sejam capazes de atribuir significados para os envolvidos. Requer, ainda, o desenvolvimento de atitude crítica e reflexiva, além de abordagens que exijam participação efetiva, atitude de envolvimento e comprometimento por parte dos discentes.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu conhecer como os docentes e discentes de um curso de graduação em enfermagem percebem a abordagem do cuidado integral/integralidade no processo de ensino-aprendizagem. Docentes e discentes reconhecem que a integralidade/cuidado integral precisam permear as ações do saber e fazer do enfermeiro. Logo, devem ser abordadas desde a formação acadêmica. Portanto, é essencial uma mudança referente às questões de saúde, tendo seu início no ensino.

Este estudo apresentou fragilidades inerentes a pesquisa qualitativa que por natureza não pretende a generalização dos seus resultados. O mesmo apresenta concepções singulares de um grupo de docentes e discentes, sendo que se realizado em outro contexto, resultados diferentes dos encontrados poderão surgir.

Como potencialidades, ressalta-se a técnica de coleta de dados utilizada, pois essa potencializou a reflexão dos docentes e discentes acerca do processo de formação, possibilitando o repensar do ser e fazer, além de uma oportunidade de construção conjunta de novas atitudes. Dessa forma, os resultados contribuem com a enfermagem como ciência e profissão, pois por meio da reflexão emergem novas estratégias no processo de formação que repercutirá no cuidado ao ser humano, bem como o despertar para novas pesquisas.

Diante dos resultados, espera-se que outras discussões, reflexões e inquietações surjam, para que a abordagem do cuidado integral/integralidade seja fomentada no processo formativo e, dessa forma, garantir o (re)pensar das práticas de saúde nos diferentes cenários.

REFERÊNCIAS

1. Silva KL, Sena RR. Integralidade do cuidado na saúde: indicações a partir da formação do enfermeiro. *Rev esc enferm USP*. 2008; 42(1): 48-56.
2. Pinho IC, Siqueira JCBA, Pinho LMO. As Percepções do Enfermeiro acerca da integralidade da assistência. *Rev eletr enferm* [Internet]. 2006 [Acesso 05 dez 2015]; 8(1):42-51. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_1/original_05.htm.
3. Ferreira TS, Campos LF. O conhecimento veiculado em literatura nacional sobre integralidade em saúde. *Cogitare enferm*. 2009; 14(2): 368-73.
4. Siqueira HCH, Cecagno D, Gallo CMC, Silva JRS. O ser humano e o trabalho na equipe multiprofissional de saúde. In: Siqueira HCH (Org.). *Equipe multiprofissional de saúde: Ações inter-relacionadas*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2009. 260 p.
5. Capra F. *O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e cultura emergente*. São Paulo: Cultrix. 2014, 30ª reimpressão.
6. Sena RR, Silva KL, Gonçalves AM, Duarte ED, Coelho S. O cuidado no trabalho em saúde: implicações para a formação de enfermeiros. *Interface* [Internet]. 2008 [Acesso 05 dez 2015]; 12(24):23-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n24/02.pdf>.
7. Pereira FW, Kleinubing RE, Ilha S, Gomes GC, Souza MB. Strategies for joining to the treatment for seropositive pregnant women to human immunodeficiency virus. *Rev pesqui. Cuid. Fundam*. 2015; 7(3):2796-2804.
8. Backes DS, Erdmann AL, Buscher A. Demonstrating nursing care as a social practice. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2009; 17(6): 988-94.
9. Debus M. *Manual para excelência em la investigacion mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educational Development; 1997.

10. Kind L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicol Rev*. 2004; 10(15):124-36.
11. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11a ed. São Paulo: Hucitec; 2008.
12. Brasil. Resolução nº 196/96. *Pesquisa em seres humanos*. Revista Bioética; 1996.
13. Santana FR, Nakatani AYK, Freitas RAMM, Souza ACS, Bachion MM. Integralidade do cuidado: concepções e práticas de docentes de graduação em enfermagem do Estado de Goiás. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2010 [Acesso 08 jan 2016]; 15(Suppl 1):1653-64. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/077.pdf>.
14. Araújo NP, Miranda TOS, Garcia CPC. O estado da arte sobre a formação do enfermeiro para a gestão em saúde. *Rev Enferm Contemporânea*. 2014; 3(2):165-80.
15. Ayres JRCM. Integralidade do cuidado, situações de aprendizagem e o desafio do reconhecimento mútuo. In: Pinheiro T, Lopes TC. (Org.). *Ética, técnica e formação: as razões do cuidado como direito à saúde*. Rio de Janeiro: CEPESC/ IMS/UERJ/ABRASCO, 2010.
16. Casate JC, Corrêa AK. A humanização do cuidado na formação dos profissionais de saúde nos cursos de graduação. *Rev Esc Enferm USP*. 2012; 46(1):219-26.
17. Backes DS, Erdmann AL. Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. *Rev Gaúcha de Enferm*. 2009; 30(2): 242-8.

Recebido em: 23/12/2015

Revisões requeridas: Não

Aprovado em: 15/06/2016

Publicado em: 10/04/2017

Autor responsável pela correspondência:

Rosiane Filipin Rangel

Conde de Porto Alegre, 37 – Apto: 102

Nossa Senhora de Fátima. Santa Maria/RS

Email: rosianerangel@yahoo.com.br

CEP: 97010-100